

As MEDIDAS do DESEJO (e da INTIMIDAÇÃO)

Estudo revela como homens relacionam tamanho do pênis de rivais com gravidade da ameaça que representam; mulheres classificaram como mais atraentes figuras masculinas mais altas, com ombros mais largos e genitália maior

» ISABELLA ALMEIDA

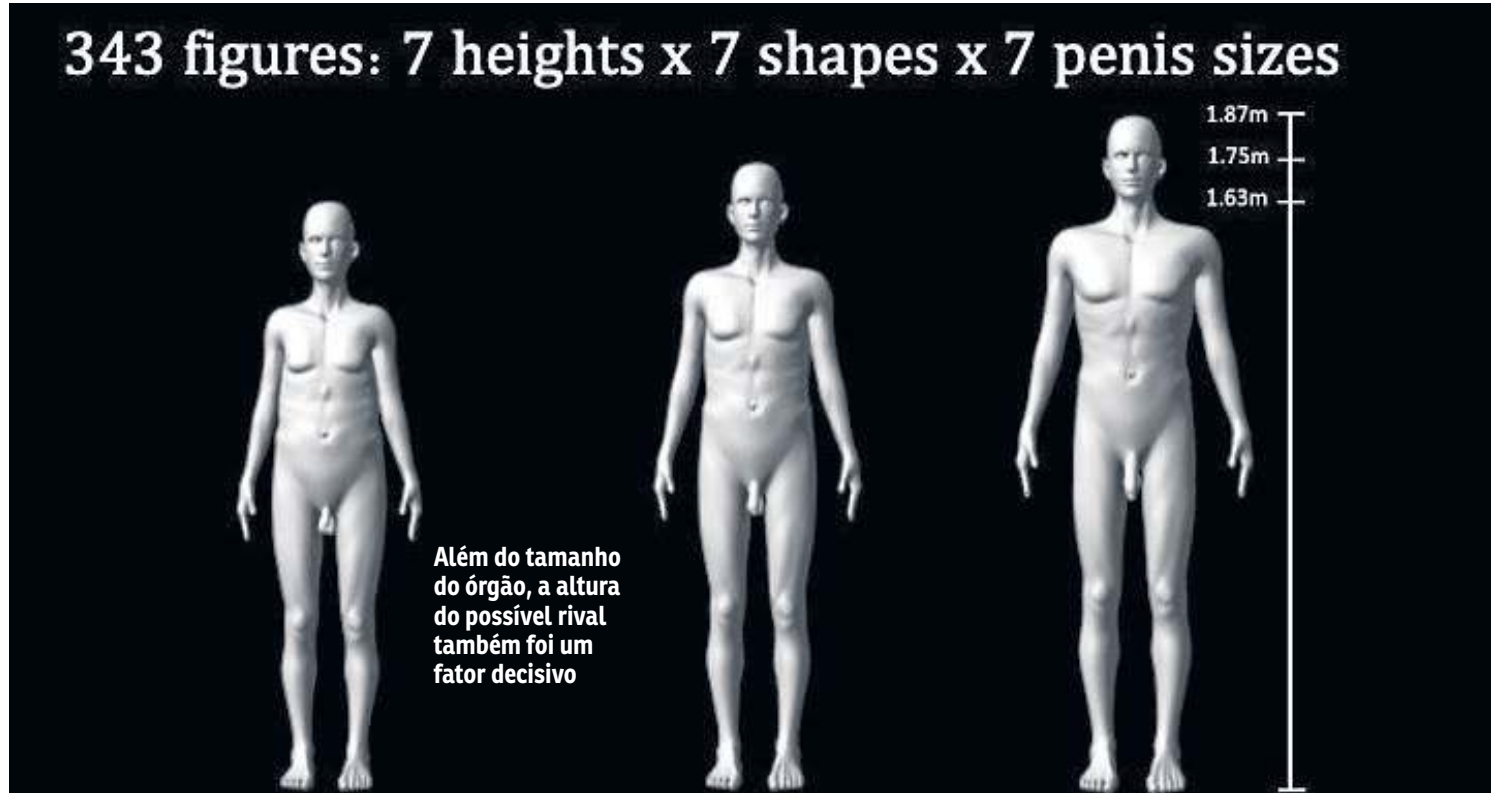
Um estudo feito por pesquisadores da Universidade da Austrália Ocidental e publicado ontem na revista *PLOS Biology* revela que os homens consideram rivais que têm um pênis maior como uma ameaça mais forte, tanto física quanto sexualmente. Além disso, a pesquisa destaca que a altura, o tamanho do órgão genital e a largura dos ombros são fatores relevantes para que uma mulher considere atraente uma pessoa do sexo oposto. De acordo com a publicação, proporcionalmente em relação ao corpo, o pênis humano é maior do que o de outros primatas, um fato que intriga biólogos evolucionistas. Antes da invenção das roupas, o órgão era uma característica proeminente que poderia influenciar potenciais parceiros e competidores. Estudos anteriores descobriram que a dimensão do genital pode influenciar o sucesso reprodutivo, afetando a probabilidade de gravidez.

Os pesquisadores afirmam também que, de forma geral, um pênis maior também pode aumentar a atratividade de um macho para as fêmeas e reduzir a probabilidade de brigas com outros machos — sinalizando níveis mais altos de testosterona e, portanto, uma melhor capacidade de luta.

Para investigar a relação entre a dimensão do órgão e a capacidade de atração de parceiras e intimidação de adversários, os pesquisadores solicitaram a mais de 600 participantes homens e 200 mulheres que avaliassem figuras masculinas geradas por computador, variando em altura, formato corporal e tamanho do pênis. As voluntárias foram solicitadas a avaliar a atratividade sexual das figuras, enquanto os homens deveriam analisar o quão ameaçadoras as consideravam, tanto em termos de capacidade de luta quanto como rivais sexuais. As pessoas visualizaram as figuras em tamanho real pessoalmente ou on-line.

As mulheres classificaram como mais atraentes os homens mais altos, com maior proporção entre ombros e quadris — o que indica um corpo em

Freepik



Duas perguntas para

ARTUR COSTA, psicanalista e professor senior da Associação Brasileira de Psicanálise Clínica

A tendência dos homens de superestimar o que as mulheres consideram atraente pode afetar os relacionamentos e comportamentos sociais?

Sim. Quando o homem imagina que a atração feminina é quase totalmente definida por medidas, ele passa a se relacionar com a mulher como se estivesse em uma avaliação, e não em um encontro. Isso pode gerar

insegurança, ciúme, necessidade de controle e performances para “compensar”. Também pode distorcer a comunicação, em vez de perguntar e escutar o que a parceira deseja, ele age baseado em suposições e estereótipos. Socialmente, essa superestimação estimula competição e hostilidade entre homens, reforça piadas e humilhações, e pode levar a comportamentos de risco, exibicionismo e consumo impulsivo de “soluções” milagrosas. No vínculo afetivo, a consequência é previsível: menos intimidade real e mais ansiedade.

De que forma fatores culturais e sociais atuais podem reforçar ou modificar essas percepções evolutivas de ameaça e atratividade?

A cultura pode amplificar o que já existe como tendência de comparação. Hoje, pornografia, redes sociais, memes e “ranking” de masculinidade criam uma vitrine permanente e, muitas vezes, irrealista. Isso reforça a ideia de que corpo é capital social, e de que existe



Artur Costa

uma medida “obrigatória” para ser desejável. Por outro lado, mudanças culturais também podem modificar essas percepções: mais educação sexual, discussões sobre saúde mental, novas masculinidades e maior abertura para falar de inseguranças ajudam a reduzir o peso do mito. Em resumo: o instinto pode até sugerir comparação, mas é a cultura que define se essa comparação vira violência simbólica ou maturidade emocional.

formato de V — e com pênis maior. No entanto, a partir de certo ponto, aumentos adicionais no tamanho do pênis, altura e largura dos ombros diminuiram a atração feminina.

Damesma forma, homens também avaliaram como mais intimidantes as figuras masculinas com corpos em

formato de V e com órgão genital maior, considerando rivais sexuais e oponentes em lutas. Mas, ao contrário das participantes do sexo feminino, conforme essas características ficavam mais exageradas, mais eles classificavam os homens como uma ameaça sexual maior, sugerindo que

a população masculina tende a superestimar a importância dessas características para atrair mulheres.

Percepções assimétricas

O psicanalista e especialista em comportamento humano Lucas

Scudeler frisa que um dos achados mais significativos é a assimetria entre percepção masculina e feminina em alguns pontos. “Enquanto para mulheres os benefícios decrescem a partir de certo ponto no aumento desses atributos, os homens tendem a superestimar sua importância ao

ONCOLOGIA

Esperança contra câncer de pâncreas

Cientistas da Universidade de Würzburg, na Alemanha, em parceria com colegas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, descobriram como tumores no pâncreas conseguem crescer rapidamente sem resposta do sistema imunológico. Eles identificaram um mecanismo usado pelas células cancerígenas para se esconder das defesas naturais do corpo. Quando essa estratégia foi bloqueada, os cânceres diminuíram drasticamente em animais usados nos testes. O estudo foi publicado ontem na revista *Cell*.

Os pesquisadores estudaram uma proteína chamada MYC, bastante conhecida entre cientistas da área. “Em muitos tipos de tumores, esse fator é um dos principais responsáveis pela divisão celular e, portanto, pelo crescimento tumoral descontrolado”, explica Martin Eilers, da Universidade de Würzburg. Segundo ele, o que ainda não se sabia era como cânceres com muita atividade dessa proteína conseguiam passar despercebidos pelo sistema imunológico.

A equipe descobriu que isso acontece porque a proteína MYC tem duas funções diferentes. Além de seu papel já conhecido, de se ligar ao DNA e ativar genes que estimulam o crescimento das células, ela muda de comportamento quando a estrutura está sob estresse. Em tumores que

Palavra de especialista

Defeito genético específico

“O aspecto mais revolucionário dessas novas descobertas é a conexão direta com o sistema imunológico. Hoje sabemos que a superexpressão do MYC ajuda o câncer a se esconder das defesas do corpo, criando um ambiente de imunossupressão. Portanto, ao bloquearmos essa via de forma estratégica, fazemos mais do que apenas frear

a proliferação celular: removemos a 'camuflagem' do tumor, permitindo que o sistema imune volte a reconhecer e atacar as células malignas. Esse avanço sintetiza o objetivo central da oncologia moderna, que é unir a medicina de precisão à imunoterapia. Ao atacar o defeito genético específico e, simultaneamente,

reativar as defesas do próprio paciente, caminhamos para tratamentos que não apenas são mais eficazes, mas que também buscam reduzir os efeitos colaterais típicos das terapias convencionais.”

DANIEL VARGAS, oncologista clínico do Hospital Sírio-Libanês de Brasília

crecem rápido e vivem em um ambiente desorganizado, o MYC deixa de se acoplar ao DNA e passa a se conectar ao RNA, uma molécula relacionada à produção de proteínas.

Quando o MYC se liga ao RNA, várias dessas proteínas se juntam e formam aglomerados, chamados de multímeros. Essas estruturas funcionam como pontos de concentração, reunindo outras proteínas em um mesmo local dentro da célula. Nesse ambiente, entra em ação o chamado complexo exossomo, que atua como um sistema de “limpeza” do ambiente celular. Ele elimina resíduos,

principalmente os híbridos de RNA-DNA. Esses híbridos são feitos do funcionamento genético e, normalmente, funcionam como um sinal de alerta, avisando o sistema imunológico de que algo está errado.

É nesse ponto que o MYC ajuda o tumor a se esconder. Ao organizar a destruição desses híbridos de RNA-DNA com a ajuda do exossomo, o MYC elimina os sinais de alerta antes que o sistema imunológico possa percebê-los. Sem esses avisos, a defesa do corpo não é ativada, e o tumor continua invisível para as células de contra-ataque.

Os cientistas revelaram ainda que uma parte específica da proteína MYC, responsável por se ligar ao RNA, é a chave desse processo de camuflagem. Além disso, eles notaram que estimular o crescimento do tumor e enganar o sistema imunológico são funções separadas dentro da mesma proteína, o que permite que uma atividade dela seja interrompida, sem afetar a outra.

Para Márcio Almeida, oncologista e membro da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (Sboc), um ponto especialmente relevante é que o estudo conecta oncogênese e

Freepik



imunologia.” Ele mostra que o crescimento tumoral acelerado não é apenas um problema de divisão celular descontrolada, mas também de supressão ativa dos sinais de alerta do sistema imune. Ao entender como o câncer ‘apaga o alarme’ a pesquisa abre espaço para terapias mais inteligentes, que não precisam destruir diretamente o tumor, mas sim permitir que o próprio organismo volte a reconhecê-lo e combatê-lo.”

Após a identificação da estratégia que alimenta o tumor, os pesquisadores alteraram geneticamente o MYC para que não conseguisse mais se ligar ao RNA. Assim, ele não poderia camuflar a doença. Para a equipe, os resultados foram impressionantes. “Enquanto tumores pancreáticos com MYC normal aumentam de tamanho 24 vezes em 28 dias, tumores com uma proteína MYC defeituosa, alterada, colapsaram durante o

mesmo período e diminuíram 94%, mas apenas se o sistema imunológico dos animais estivesse intacto”, afirma Martin Eilers.

Potencial terapêutico

Para Caio Guimarães Neves, oncologista do Grupo Kora Saúde, esse mecanismo de camuflagem das células tumorais pode ser comum também em outros tipos de carcinomas. “A função do MYC como regulador da resposta imunológica e do crescimento celular é relevante para uma variedade de tumores. Isso inclui cânceres pulmonares, colorretais e até de mama, onde a proteína também desempenha papel fundamental no crescimento descontrolado das células. Portanto, entender e bloquear essa interação com o RNA pode se tornar um tratamento aplicável a uma gama mais ampla de doenças.”